

O uso de SN's definidos vs. demonstrativos como rótulos em entrevistas jornalísticas

Ana Paula Pereira Martins (UFRJ - PIBIC)

Vera Lúcia Paredes Silva (UFRJ - CNPq)

veraparedes@terra.com.br

“Não há jornalismo sem entrevista” (Carla Mülhaus)

Resumo

Estudo da alternância entre determinantes definido e demonstrativo em sintagmas nominais usados como *rótulos* em entrevistas jornalísticas. A *rotulação* (cf. Francis 1994) consiste em encapsular, através de um SN, uma porção de texto (precedente ou subsequente), recuperando a informação do cotexto. Num corpus de 41 entrevistas do jornal O Globo publicadas entre 2006 e 2008, a análise variacionista constatou ser o demonstrativo o determinante preferido. O definido, forma mais marcada, tende a ocorrer em emprego catafórico, como sujeito da oração e com itens semanticamente mais neutros. Já o demonstrativo é preferencialmente anafórico, predomina nas funções secundárias e em usos metafóricos do nome nuclear. Além disso, a predominância do demonstrativo na fala do entrevistador contribui para a oralidade do gênero *entrevista*, confirmando Castilho 1993, que afirma ser o demonstrativo pragmaticamente mais forte do que o definido. Esta análise é mais um exemplo de associação do tratamento variacionista com fenômenos de ordem discursivo-pragmática.

Palavras-chave: rótulos, sintagmas nominais, definido, demonstrativo, entrevista jornalística

Abstract

This paper deals with variation between definite and demonstrative determiners in noun phrases used as *labels* in newspapers interviews. Following Francis 1994, we assume that labels are nominal groups that encapsulate a stretch of discourse and are recoverable or inferable from co-text, operating cohesively. Based on a variationist analysis of 41 transcribed interviews on different subjects, the results showed that the demonstrative is the favorite choice. The definite, as the marked element of the pair, occurs specially in cataphoric usage, in subject position, and with semantically neutral itens. The demonstrative, on the other hand, tends to be used anaphorically and with noun as metaphors. The preference for the demonstrative correlates with the oral nature of interviews and corroborates Castilho's 1993 observation about the pragmatic force of that item. Our results also suggest the relevance of a variationist approach to discourse-pragmatic phenomena.

Key-words: labels, noun phrases, definite, demonstrative, newspaper interview

1. Introdução

Para começarmos nossa discussão, digamos, simplificarmente, que o falante se serve dos nomes para fazer referência a entidades. Se ele avaliar que tais entidades são passíveis de identificação pelo ouvinte, provavelmente irá apresentá-las através de um sintagma nominal definido, ou de uma “descrição definida” (KOCH 1999), podendo este sintagma ser iniciado por um artigo definido ou por um pronome demonstrativo em português.

Essa alternância definido/demonstrativo ocorre de modo bastante freqüente nos casos em que a referência nominal é mais abrangente e não diz respeito a entidades individuais, mas a porções textuais mais extensas: o que FRANCIS 2003 [1994] chama de *rótulos* ou *rotulações*, e outros autores (e.g., CAVALCANTE 2001) chamam de *nomeações*, reconhecendo ao mesmo tempo sua importância na coesão e construção argumentativa do discurso. Como ilustração, vejam-se os exemplos abaixo, extraídos de entrevistas transcritas do jornal O Globo :

(1) Repórter: “O ex-presidente Fernando Henrique chegou a sugerir que Lula renunciasse à reeleição. José Serra foi contra essa posição, dizendo que ele deveria ser julgado pelas urnas. O senhor acha que o PSDB errou?”

Entrevistado: Fazem *essa indagação* o tempo todo. (Entrevista 3- Eduardo Paes)

No exemplo acima, o SN em itálico retoma anaforicamente o conteúdo da pergunta do repórter, na fala imediatamente anterior, categorizando-o como uma *indagação*, um termo metalingüístico.

(2) Repórter: “O senhor estava em Portugal quando a empregada doméstica Sirlei foi agredida. O que o senhor, que tem filhos da idade dos agressores, achou da

atitude daqueles jovens?” (Entrevista 11- Sérgio Cabral)

Já no exemplo (2), o SN em itálico, apesar de retomar algo mencionado no contexto anterior, não o faz de maneira tão direta: fala-se em *agredir, agressores*, e usa-se o termo mais neutro na pergunta – *atitude*. Considerando-se a seqüência da entrevista, é possível inferir e identificar o tipo de *atitude* (agressiva) daqueles jovens. Tratamos esse contexto como permitindo uma possível alternância com o determinante demonstrativo (*dessa atitude*), assim como em (1) poderia ter ocorrido um definido encabeçando o SN na resposta (*a indagação*).

Definido e demonstrativo têm uma relação estreita, a partir de sua origem histórica, em várias línguas. Descrições mais recentes do português também valorizam essa aproximação: é devido a um conjunto de propriedades sintático-semânticas comuns que CASTILHO (1993) os reúne na classe que designa como a dos *mostrativos*. Entre as propriedades dessa classe, as de “retomar conteúdos (*foricidade*) e a de indicar a posição espacial, temporal ou textual (*dêixis*) ocupada pelo referente.” (p.122)

Este artigo tem seu foco de interesse na constituição interna dos SN’s que funcionam como rótulos, em especial a alternância entre os determinantes definido e demonstrativo, em correlação com suas condições de uso em entrevistas jornalísticas transcritas no jornal O Globoⁱ. Discute, a partir de estudos precedentes que mencionam uma possível variação entre essas categorias (cf. APOTHÉLOZ & CHANET 1997, ZAMPONI 2001ⁱⁱ), se há de fato contextos de variação, e, nesse caso, o que favorece a escolha de cada uma das formas variantes; quando não há, que traços impedem a variação.

Partindo do pressuposto variacionista de que não há de fato *variação livre*, mas toda variação tem um caráter sistemático, investigam-se motivações semânticas e discursivo-pragmáticas para a preferência por uma ou outra forma e seu papel na identificação do

gênero de discurso em causa, considerando-se sua inserção no contínuo fala/escrita. O trabalho integra um conjunto de pesquisas em andamento sobre o mesmo fenômeno de variação em outros gêneros da fala (representada por entrevistas sociolinguísticas) e da escrita jornalística (cartas de leitores, artigos de opinião, crônicas, notícias, etc).(cf. PAREDES SILVA 2005)

2. Referencial teórico e aspectos metodológicos

A questão aqui abordada parte de duas bases teóricas principais. Por um lado, os estudos sobre a referência, revisitados na linguística textual (cf. em especial, KOCH 1999, 2001, MARCUSCHI 1998, 1999, 2000, KOCH & MARCUSCHI 1998) como estudos sobre a referenciação – uma atividade discursiva através da qual o referente vai-se construindo através do discurso, em vez de ser considerado um objeto do mundo, uma entidade previamente existente, como entendia a concepção tradicional de referência (cf. LYONS 1977). Assim, sempre que retomamos, renomeamos, ou enfim, constituímos um referente através de um nome, estamos ao mesmo tempo acrescentando-lhe ou subtraindo-lhe propriedades e ajudando o ouvinte/ leitor a dele construir uma imagem.

Nesse processo que, de certa forma, envolve uma remissão, os sintagmas nominais podem ser encabeçados por artigos definidos ou pronomes demonstrativos, ambos passíveis de identificar conteúdos já veiculados ou de apontar para segmentos textuais subseqüentes.

A depender da modalidade (oral/escrita) e do gênero de discurso (artigo de opinião, entrevista, carta de leitor, etc) assim como do tipo de texto (argumentativo, narrativo, descritivo,etc), essas duas opções podem assumir valores diferentes, levando-se em conta a contextualização e a clássica distinção entre uso dêitico e anafórico.

Estudos clássicos sobre as relações entre fala e escrita (TANNEN 1982, OCHS 1979) apontam a escolha entre definidos e demonstrativos (dêiticos) como um diferencial entre as duas modalidades. Sempre partindo de textos narrativos, essas autoras citam a menção de referentes através do artigo como uma característica de maior cuidado e planejamento verbal. Também SCHIFFRIN 1998, ao tratar de textos narrativos, menciona que a introdução de um referente novo através de um SN demonstrativo, ao invés de um artigo indefinido, estaria associada à relevância temática desse referente. Interpretação semelhante aparece em CASTILHO (1993), que atribui a fatores pragmáticos a escolha entre as formas definida e demonstrativa: o artigo corresponderia a uma “instrução fraca”, enquanto que o demonstrativo a uma “instrução forte”, de caráter mais incisivo, para busca do referente.

Os autores que mais se têm dedicado ao tema *rotulação* no português ressaltam o papel desses sintagmas na construção do texto de tipo argumentativo (cf. KOCH 1999). Desse modo, outra base teórica desta investigação diz respeito aos estudos de gêneros de discurso, associados aos de tipos de texto, entendendo-se os gêneros no sentido bakhtiniano de formas relativamente estáveis de enunciados que fazem parte das práticas sociais dos membros de uma comunidade (cf. BAKHTIN 1986) e os tipos de texto como estruturas identificadas por traços lingüísticos básicos. (cf. PAREDES SILVA 1997).

Assim, é na confluência dos estudos de referenciação e dos estudos de tipos de texto/gênero de discurso que se situa este trabalho. No caso em questão, o gênero é *entrevista jornalística*, e quanto ao tipo de texto, sem dúvida nas respostas dos entrevistados o que predomina é o *argumentativo*, uma vez que procuram defender uma posiçãoⁱⁱⁱ.

Além disso, como é de nosso interesse estabelecer correlações entre formas

lingüísticas em variação e propriedade semânticas, sintáticas e discursivo-pragmáticas a elas associadas, lançamos mão da teoria variacionista laboviana para lidar com maior precisão com os dados e aferir sua distribuição estatisticamente. Reconhecemos não estar lidando com um caso de variação *stricto sensu*, uma vez que definido e demonstrativo acabam por apresentar matizes discursivo-pragmáticos distintos, como já assinalou CASTILHO (op.cit.) De nosso ponto de vista, contudo, isso não configura um impedimento para que se explorem os recursos estatísticos que o programa GOLVARB disponibiliza, controlando exatamente esses matizes através de grupos de fatores, como já se tem feito, em outros estudos variacionistas no âmbito do discurso, (cf. PAREDES SILVA 2003)

Portanto, este trabalho se alinha com outros que têm procurado estender a análise variacionista laboviana a fenômenos de ordem discursivo-pragmática (cf. BRAGA & MOLLICA 2003), com todas as dificuldades e desafios que isto representa.

3. Caracterização do *corpus*

O *corpus* do trabalho é constituído por quarenta e uma *entrevistas jornalísticas* extraídas do jornal carioca O Globo, publicadas entre agosto de 2006 e fevereiro de 2008.

Sobre esse gênero, pode-se dizer que é a alma do jornalismo moderno, parafraseado a citação em epígrafe. De acordo com MÜLHAUS 2007, a entrevista brasileira segue, como outras facetas do jornalismo brasileiro, “o caminho da americana, incorporando ao seu contexto (...) a maneira como os jornais dos Estados Unidos se desenvolvem.” (p.24) A entrevista é considerada um recurso de “verdade”, passa a fazer parte de um jornalismo que busca a objetividade. Ao mesmo tempo, atíça a curiosidade do leitor, em torno de personagens do momento. Ainda segundo a autora, “bisbilhotice e indiscrição” podem ser

considerados “a mola propulsora de grande parte das entrevistas”, em tempos mais recentes. Sua semelhança a uma conversa, com a alternância de perguntas e respostas, permite que o leitor se sinta em contato mais próximo com a “celebridade”.

As entrevistas aqui analisadas são geralmente longas (algumas se estendem por mais de uma página), foram feitas com personalidades em evidência na ocasião e ocupam um espaço significativo no jornal. Além disso, são entrevistas que partem de uma interação imediata (estilo “pingue-pongue”, segundo o Manual de Redação d’O Globo), sendo a maioria realizada por interação face a face e outras dadas por telefone, o que é explicitado nos respectivos parágrafos introdutórios. Talvez, por isso, percebemos que os textos transcritos dessas entrevistas não perdem certos vínculos com a modalidade oral.

Foram analisadas tanto as perguntas do entrevistador como a fala do entrevistado., na hipótese de que este seja um fator propulsor de diferenças entre o uso de definidos e demonstrativos. Nas orientações do referido Manual, é recomendado ao jornalista que “as perguntas devem ter um tom absolutamente isento: nada desmoraliza mais uma entrevista do que a impressão de que se está tentando levar o entrevistado a dizer isso ou aquilo” (p.45). Tal orientação se coaduna com a análise de Mülhaus, de que a partir dos anos 80, no Brasil, “sai de moda a escola da entrevista agressiva”. Esse ponto tem para nós um interesse particular, porque pode refletir-se na natureza mais descritiva ou mais avaliativa do nome-núcleo do rótulo, e será retomado adiante em nossa análise.

Os temas abordados levam em conta o contexto situacional do entrevistado, isto é, o momento que ele está vivendo. Por exemplo, do corpus fazem parte entrevistas de políticos candidatos ao governo do Estado Rio de Janeiro em 2006. Confirma-se, portanto, que essas entrevistas jornalísticas pretendem mostrar ao leitor o posicionamento dos entrevistados (cf. Manual do Globo).

Para organizar a análise, dividimos inicialmente o corpus em quatro temas, identificados a partir das áreas de atuação dos entrevistados. Foram eles: Política 1, representada por políticos profissionais; Política 2, entrevistas com teor político dadas por sociólogos, filósofos e intelectuais; Cultura (entrevistas de cineastas, escritores, dramaturgos, escritores, cantores, etc.); Esporte. Note-se que as entrevistas relacionadas ao item Cultura fazem parte do Segundo Caderno do referido periódico, aquele destinado à cultura e lazer. No entanto, dado o desequilíbrio na obtenção desses dados, pelo predomínio de entrevistas políticas, resolvemos num segundo momento trabalhar com apenas dois grandes grupos: *Política* (reunindo 1 e 2); e *Cultura*, com todas as demais.

Vale ressaltar que, no levantamento de dados para esta pesquisa, algumas entrevistas tiveram de ser abandonadas por não apresentarem o fenômeno investigado. Essa é sem dúvida uma das dificuldades de quem se propõe fazer uma análise variacionista envolvendo aspectos sintático-discursivos. No total de 41 entrevistas, foram obtidos 206 dados considerados variáveis. A distribuição deles por tema e a média de rótulos estão na tabela 1 abaixo. Aí se constata que nas entrevistas de teor político os rótulos se fazem ligeiramente mais presentes.

Tabela 1: Distribuição dos Dados por Temas

Temas	Nº de Entrevistas por Tema	Nº de Rótulos por Tema	Média de Rótulos por Tema
Política	19	106	5.57
Cultura	22	100	4.54
Total	41	206	

Antes de apresentarmos a análise propriamente dita, é preciso reconhecer que nem sempre é tarefa fácil estabelecer se um dado contexto é ou não um contexto de variação para o determinante do SN que funciona como rótulo. Desse modo, alguns dados foram excluídos, seja por representarem ocorrências que, a nosso ver, não admitiriam substituição pela forma alternativa, seja por nos terem parecido duvidosos:

- a) expressões já cristalizadas, como o SN destacado na pergunta do repórter abaixo, feita após afirmativas do político entrevistado sobre a situação brasileira:

(3) Entrevistado: (...) Estudos demonstram que o que se gasta per capita em alguns setores do serviço público no Brasil é mais do que na Europa. Só que por um serviço ruim.

Repórter: E por que chegamos a *esse ponto*? (Entrevista 6- Antonio Anastasia)

Trata-se de um tipo de pergunta que vez por outra aparece nas entrevistas, até como forma de fazer progredir o tema, ao buscar motivações para uma afirmativa feita.

- b) expressões em que a substituição do demonstrativo pelo definido poderia acarretar uma leitura mais genérica, mesmo havendo proximidade com a seqüência retomada:

(4) Repórter: O brizolismo ganhou um pouco a fama de a polícia ter sido frouxa nas favelas.

Entrevistado: Eu não mudaria nada *nessa política* (Entrevista 1- Carlos Lupi)

Observe-se que, para uso do definido nesse sintagma, talvez fosse necessário o acréscimo de um adjunto (um qualificador restritivo) _ *na política que ele adotava*, por exemplo.

Outro exemplo claro de impossibilidade de substituição é a seqüência abaixo, em que se trata especificamente do período de Lampião:

(5) Entrevistado: A polícia tinha poder de vida e morte sobre o sertanejo pobre. O sertanejo apanhava dos cangaceiros se não ajudasse e apanhava dos policiais se auxiliasse os cangaceiros. *Nessa história*, o sertanejo é a grande vítima. (Entrevista 23- Moacir Assunção)

Substituir o termo em itálico por um definido ampliaria o escopo da afirmação, estendendo-a para a história independentemente do período em questão, e desvirtuando, provavelmente a intenção do entrevistado.

c) por outro lado, também excluimos determinantes definidos quando o nome vem seguido de orações restritivas, como no caso abaixo:

(6) Repórter: Na semana passada, Chávez disse que estava cansado do que chamou de “velho Mercosul”.

Entrevistado: Ele nem chegou a entrar, como pode estar cansado? Chávez tem liberdade de emitir *as opiniões que quiser*, mas achamos que o Mercosul não pode ser chamado de velho, pois só tem 16 anos.(Entrevista 9- Celso Amorim)

d) excluímos ainda muitos casos de rótulos catafóricos em que um SN sujeito vem seguido de expressão predicativa que especifica o conteúdo do rótulo. Estes são, aliás, os usos mais freqüentes do rótulo catafórico, introduzido por artigo definido^{iv}.

(7) Repórter: Dois dias após o anúncio do PAC, o BC diminuiu o ritmo de queda dos juros. Isso reduz o ânimo e mina o PAC?

Entrevistada: Acredito que *a questão principal* é a manutenção da tendência da queda da taxa de juros. (Entrevista 7- Dilma Rousseff)

4. Resultados da análise

Como já foi dito, para FRANCIS (2003), precursora desses estudos, rótulos são uma forma nominal referencial que retoma, recategoriza, resume idéias ou porções de textos, assumindo uma função encapsuladora e contribuindo para o processo da coesão textual. Além disso, a rotulação seria um meio de classificar a experiência cultural de modos estereotípicos. Portanto, o relacionamento entre um rótulo e a oração ou porção de texto que ele substitui não é um processo aleatório de nomeação, mas “uma codificação de percepções partilháveis do mundo”. (p.226)

Para APOTHÉLOZ & CHANET (1997) , através da *nomeação*, um conjunto de informações (as chamadas *informações-suporte*) passa a ter um estatuto de referente, ou seja, a constituir um objeto de discurso. Mais especificamente sobre o uso de definidos e demonstrativos em rótulos, o estudo dos autores ressalta seu papel nas *nomeações*, buscando, inclusive, identificar fatores que favorecem uma ou outra alternativa, isto é, “descrever o mais minuciosamente possível os efeitos de sentido de alguns dos determinantes” (p.132) Embora critiquem os trabalhos anteriores, que não utilizam dados reais, e afirmem se basear na análise de “aproximadamente 250 itens”, extraídos de

publicações, esses dados têm um teor distinto dos nossos, sendo muitos de fontes literárias ou provenientes de textos técnicos, portanto, de natureza mais formal.

Neste trabalho, como já foi dito, fazemos uma análise baseada no uso real da língua. Nosso levantamento, depois das exclusões mencionadas na seção 3, chegou a um total de 206 ocorrências, assim distribuídas:

Tabela 2: Distribuição Geral dos Dados – Definido x Demonstrativo em SN's nas Entrevistas Jornalísticas.

Artigo Definido	72	35%
Pronome Demonstrativo	134	65%
Total	206	100%

Partimos da hipótese de que o uso variável de *definido* e *demonstrativo* nas chamadas rotulações ou nominalizações se correlaciona aos seguintes aspectos, aqui tratados como variáveis independentes, através do pacote estatístico GOLDVARB: seu caráter anafórico ou catafórico; a semântica do nome núcleo; o tema da entrevista; a fala do entrevistado ou do entrevistador. Tomamos o uso do artigo como a aplicação da regra variável.

As áreas temáticas das entrevistas nos forneceram quantidade equilibrada de dados, mas nas de teor político houve maior tendência ao uso do SN definido. Talvez isso se deva a uma postura mais formal dos entrevistados, procurando, nas respostas, manter-se num nível padrão de uso da língua^v. Essa escolha é compatível com a preferência pelo definido na escrita ou no uso mais planejado, já assinalada em TANNEN e OCHS (op. cit.)

Tabela 3: Influência dos Temas das Entrevistas Jornalísticas no uso do Artigo Definido.

	Apl. /Total	%	Peso Relativo
Política	44/106	41	0.58
Cultura	28/100	28	0.40

No estudo da alternância entre definido e demonstrativo em gêneros jornalísticos ora em andamento (PAREDES SILVA 2005), o aspecto que tem demonstrado maior regularidade é a alternância dessas categorias, de acordo com a **função anafórica, catafórica**, ou **ambígua** do SN (ao mesmo tempo anafórica e catafórica). Assim podem retomar o que se disse, seja como informação velha (cf. PRINCE 1981), seja como informação inferível, como nos exemplos (1) e (2) , na Introdução; podem apontar para a progressão do tema, no desenrolar do texto subsequente, como em (8), abaixo; e exercer ambas as funções simultaneamente (como em (9), adiante).

(8) Repórter: Como surgiu *a idéia* de requerer uma indenização do governo dos EUA pelo golpe que derrubou seu pai? (Entrevista 25 - João Vicente Goulart)

A análise tem mostrado que há uma tendência acentuada para os demonstrativos ocorrerem em SN's anafóricos, e os definidos, nos contextos catafóricos. Os primeiros, ao operarem uma retomada, realizam uma tematização remática: constituem em referente algo já mencionado para atribuir-lhe uma nova predicação. Os últimos apresentam também um número razoável de ocorrências, mas não em contextos que consideramos passíveis de variação.

Houve, ainda, alguns casos que nos pareceram ambíguos, pela dupla possibilidade de

indicação: ao mesmo tempo que retomavam uma seqüência , apontavam para características que se seguiam no texto. A propósito, veja-se o exemplo abaixo:

(9) Entrevistada: Acredito que a questão principal é a manutenção da tendência de queda da taxa de juros (...). E *essa trajetória* é fundamental para as premissas sobre as quais o PAC está fundado: manter, ao mesmo tempo, crescimento do PIB e mirar, juntamente, uma série de medidas para viabilizar esse crescimento (...). A trajetória de queda vem no sentido de favorecer *essa boa convergência*, que é PIB crescendo, juros caindo, relação dívida/PIB caindo e déficit nominal tendendo a zero”.

(Entrevista 7- Dilma Rousseff)

Observe-se que os dois SN's assinalados encapsulam porções textuais maiores: *essa trajetória* retoma anaforicamente “a manutenção (...) juros”, um SN bastante compacto, com nominalizações características da modalidade escrita Já *essa boa convergência* parece ter um papel ao mesmo tempo anafórico e catafórico, pois já havia sido mencionada uma simultaneidade de ações e agora isso é avaliado positivamente e explicitado nas orações subseqüentes.

Os resultados para este grupo de fatores, o primeiro selecionado pelo programa computacional, estão na tabela 4 abaixo, em que se vê uma clara polarização, com o emprego catafórico favorecendo fortemente o determinante definido. Esses resultados confirmam o caráter mais “aproximativo” do pronome demonstrativo, usado preferencialmente para retomadas na fala, e também comprovam o tom de oralidade mantido na entrevista transcrita. Vários autores salientam que o uso do demonstrativo é tradicionalmente associado à fala, e o do definido, à escrita (cf. TANNEN op. cit., OCHS op. cit.)

Tabela 4: Influência do Caráter Anafórico, Catafórico ou Ambíguo do Rótulo no uso do Artigo Definido.

	Apl. /Total	%	Peso Relativo
Anafórico	45/166	27	0.41
Catafórico	20/27	74	0.84
Ambíguo	7/13	53	0.67

Quanto à **função sintática do rótulo**, inicialmente fizemos uma classificação bem detalhada da função sintática do termo em que se inseria o SN. Assim, trabalhamos não só com SN's sujeitos e objetos, mas ainda com aqueles que se apresentavam no núcleo de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Os exemplos se seguem abaixo, respectivamente:

(10) Entrevistado: Os de sempre, disco-show-disco-show... Nesses 40 anos, estou direto na estrada e confesso que ando meio de saco cheio de palco (...). Tenho cada vez mais pavor de voar de avião, não durmo bem em hotel, essas coisas. Mas, na hora que piso no palco, *essas reclamações* desaparecem. (Entrevista 20- Rita Lee)

(11) Repórter: É comum entre quem trabalha com o público infantil a preocupação com a imagem da criança na tela. Sobretudo depois de filmes como “Cidade de Deus” e “Central do Brasil” terem abordado a ligação da infância com o tráfico e com a miséria. Como você pensa *essa questão*? (Entrevista 22- Xuxa)

e

(12) Entrevistado: Se conseguíssemos ganhar esta guerra sem trocar tiros, seria o ideal. Mas, infelizmente não é possível porque temos criminosos do outro lado, que

reagem da maneira mais bárbara possível, inclusive matando inocentes. Nossa ação tem que ser contundente (...). Tenho certeza de que a população dessas comunidades, que viveu anos a fio dominada pelo tráfico, quer uma solução *para este problema*.(Entrevista 11- Sérgio Cabral)

Ao longo da análise, entretanto, vimos ser mais produtivo amalgamar os dados da forma como se vê na tabela abaixo, uma vez que os casos de “outras funções” eram pouco numerosos se tratados em separado.

A análise estatística evidenciou que é a função de sujeito que mais favorece o uso do artigo, o que pode ser interpretado pela superposição com o seu papel de tema da comunicação, de ponto de partida já estabelecido. Mas é nas funções secundárias (complemento verbal e outras funções) que temos maior incidência de SN's rótulos (cerca de 70% do total) e nelas o uso do definido cai sensivelmente. Como controlamos também a fala de entrevistado e entrevistador, apresentamos em seguida os resultados referentes a cada um desses grupos de fatores e uma tabela de cruzamento dos dois, que permite entendermos melhor esses resultados:

Tabela 5: Influência da Função Sintática do Rótulo no uso do Artigo Definido.

	Apl. /Total	%	Peso Relativo
Sujeito	36/63	57	0.71
Compl. verbal	28/99	28	0.42
Outras Funções	8/44	18	0.33

Tabela 6: Influência das Falas do Entrevistador e do Entrevistado no uso do Artigo Definido^{vi}.

	Apl. /Total	%	Peso Relativo
Entrevistador	15/54	27	0.41
Entrevistado	57/152	37	0.52

Tabela 7: Atuação da Função Sintática do Rótulo nas Falas do Entrevistador e do Entrevistado sobre o uso do artigo definido

Função Sintática	Entrevistador		Entrevistado	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Sujeito	6 /12	= 50	30/51	=59
Complemento verbal	8/24	= 33	20/75	=27
Outras Funções	1/18	=6	7/26	=27

Como é de se esperar, há mais rótulos na fala do entrevistado (três vezes mais): afinal, é dele que o leitor quer saber. O entrevistado faz, também, maior uso do artigo definido, mas quando se cruza essa variável com a função sintática (cf. tabela 7) é que se constata que o que contribui para o peso relativo elevado do definido no sujeito é sua maior incidência no entrevistado. O entrevistador em suas perguntas usa mais SN's em outras funções e recorre mais ao demonstrativo para dar um efeito de proximidade de sua fala com a do entrevistado, como no exemplo (13) abaixo; já o exemplo (14) traz também uma remissão à fala anterior, mas na função de sujeito, comprovando a variação.

(13) (O entrevistado descrevendo uma situação na África do Sul) (...) É a hegemonia às avessas. Você derrota o apartheid para servir aos senhores do apartheid.

Repórter: Vê um paralelo *dessa situação* com a vitória de Lula? (Entrevista 19 _ Francisco de Oliveira).

(14) Entrevistada: É preciso lembrar que os homens são quase que de uma espécie diferente da nossa., e é justamente por isso que os encontros amorosos, por exemplo, são tão preciosos.

Repórter: *Essas diferenças* são conciliáveis numa relação? Entrevista 31 _ Viviane Mosé)

Assim, esses resultados podem estar relacionados ao caráter mais remissivo das perguntas, que, como lembra CASTILHO (1993), enfatizam a retomada.

Quanto à **semântica dos rótulos**, dois aspectos foram abordados. Por um lado, seguindo uma proposta de KOCH (1999), uma classificação que categoriza os rótulos como mais gerais (e.g., *posição, problema, coisa*) ou menos gerais (e.g. *pressão, cultura, paradigma*); de atividades linguageiras (*questão, indagação, debate*); de processos mentais (*idéia, hipótese, expectativa*); e de emprego metafórico. Um bom exemplo de emprego metafórico e avaliativo do rótulo aparece na seqüência abaixo, extraída de uma entrevista do compositor/cantor Caetano Veloso:

(15) O esquema de territórios incrustados num centro urbano como o Rio, disputados por chefes e milícias extra-oficiais, onde episódios de extrema brutalidade se sucedem, é justamente uma imagem oposta àquela do sonho de harmonia e cordialidade que sempre dominou o imaginário brasileiro. Então dói. Mas eu sou teimoso. Acho que *essas impertinências hiperbólicas* não deixam de ser estimulantes. (Entrevista 17)

Quanto aos demais valores semânticos, para não nos repetirmos, remetemos o leitor

aos exemplos: (1), em que temos os itens *posição* (mais geral) e *indagação* (de atividade linguageira); (2) , com o item *atitude* , classificado como de processo mental. A categoria *menos geral* abriga um conjunto de itens de natureza menos genérica, mas não enquadráveis nos casos específicos acima mencionados ^{vii}. Temos um exemplo em (14), extraído da entrevista de uma psicanalista, em que ela comenta as relações homem/ mulher na sociedade atual e assim finaliza sua fala:

(14) É assim, agindo de forma mais honesta, que a gente vai criar novos homens e novas mulheres mais parceiros um do outro. Chega *desse romantismo bobo*. (Entrevista 31 -Viviane Mosé).

A semântica do rótulo não foi um fator selecionado pelo programa GOLDVARB, observe-se que não há diferenças muito marcantes entre os pesos relativos. Um aspecto, porém se destaca: é o uso metafórico o que mais desfavorece o emprego do artigo definido (apenas 3 ocorrências), o que, em outras palavras, o associa à preferência pelo demonstrativo. Ora, de acordo com APOTHÉLOZ & CHANET (op. cit), há tendência para o demonstrativo toda vez que o substantivo escolhido requalifica de maneira pouco predizível seu objeto. O que é a metáfora senão a atribuição de uma extensão inusitada de sentido? Como se comprova na tabela, esses são os casos que mais desfavorecem o uso do artigo definido ^{viii}.

Tabela 8: Influência da Semântica do Rótulo no uso do Artigo Definido.

	Apl. /Total	%	Peso Relativo
Mais Geral	35/87	40	0.56
Menos Geral	14/52	26	0.41
Metafórico	3/14	21	0.34
Processo Mental	6/13	46	0.61
Atividades Linguageiras	14/40	35	0.50

Por outro lado, uma apreciação sobre o **caráter mais descritivo ou avaliativo** pode ser captada através da semântica mais neutra do nome núcleo (*posição, questão, atitude, situação*, no primeiro caso; *problema, dificuldade, degradação, divergência, impertinência*, no segundo) ou do acréscimo de modificadores avaliativos, como é o caso do exemplo (15) acima, em que o adjetivo *bobo* redireciona o SN.

Embora este grupo de fatores não tenha sido selecionado pelo programa, os pesos relativos extraídos da primeira tabela do Step-down apontam na direção esperada, com o nome descritivo favorecendo a escolha do artigo, mais neutra, portanto. Nesse sentido, o demonstrativo contribuiria para o acréscimo de conotações, por vezes positivas, mas principalmente negativas, conferindo por vezes um tom pejorativo ao núcleo referido^{ix}.

Tais resultados confirmam a hipótese de Castilho, acima mencionada, de que a escolha do demonstrativo teria motivações pragmáticas, no sentido de fazer uma remissão mais forte do que o definido. Note-se, ainda, o efeito da orientação do Manual do Globo, fazendo que o repórter utilize muito mais rótulos descritivos do que avaliativos, para manter certa isenção.

Tabela 9: Influência do Caráter Descritivo ou Avaliativo do Rótulo no uso do Artigo Definido.

	Apl. /Total	%	Peso Relativo
Descritivo	49/125	39	0.54
Avaliativo	23/81	28	0.43

Tabela 10: Atuação da **Natureza do Rótulo nas Falas do Entrevistador e do Entrevistado** sobre o uso do artigo definido

Natureza do Rótulo	Entrevistador		Entrevistado	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Avaliativo	4 /12	= 33	19/69	=28
Descritivo	11/42	= 26	38/83	=46

5. Considerações finais

Nossa análise de SN's definidos e demonstrativos em entrevistas permitiu comprovar que esses dois determinantes não se podem dizer em "variação livre": embora muitas vezes sejam intercambiáveis no mesmo contexto, cada categoria apresenta condições preferenciais de uso. O definido tende a ocorrer mais na função catafórica, no papel de sujeito/tema da frase, em itens mais neutros do ponto de vista semântico. O demonstrativo, por outro lado, tem emprego preferencialmente anafórico, predomina nas funções sintáticas secundárias e é o eleito dos usos metafóricos de um SN.

Embora não se possa esquecer que o texto da entrevista impresso é previamente editado, as marcas de oralidade permanecem na preferência pelo demonstrativo (65% dos usos), em especial na fala do entrevistador. Este sempre busca explorar/ estender as falas precedentes do seu entrevistado e para isso explora o uso do demonstrativo, visando a recuperá-las com mais clareza. Nesse sentido, comprova-se plenamente a afirmativa de CASTILHO 1993, de que a referência através do demonstrativo é pragmaticamente mais

forte que através do artigo definido, servindo aquele não só para mostrar que o referente é identificável, mas também que está próximo de quem fala (cf. CHAFE 1982).

Ao mesmo tempo, evidencia-se a preferência por nomes semanticamente mais neutros, por parte dos repórteres, seguindo assim a orientação do Manual do jornal quanto à manutenção de uma postura mais isenta, deixando os posicionamentos (a argumentação) para o entrevistado.

Este trabalho vem, assim, alinhar-se com outros que procuram associar a análise empírica variacionista a questões ligadas ao discurso e à pragmática. Comprova que é viável trabalhar com grupos de fatores dessa ordem, correlacionando-os à preferência por formas lingüísticas, com a vantagem da comprovação estatística das hipóteses.

6. Referências Bibliográficas

- APOTHELOZ, D. & CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B & CIULLA, A. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 [1997].
- BAKHTIN, M.M. *Speech genres and other later essays*. University of Texas Press, 1986.
- BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press., 1988.
- CASTILHO, A.T. (org.) *Gramática do Português Falado*. vol III: *As abordagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Lingüísticos 44*. Campinas, SP: UNICAMP/ IEL, 2003.

- . As nomeações em diferentes gêneros textuais. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, SP, UNICAMP/ IEL, 2001.
- & BRITO, M.A. (orgs) *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Quatro comunicações, 2004.
- CHAFE,W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNEN, D. (ed) *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, N.J. Ablex, 1982.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante, Valéria Sampaio Cassan de Deus e Tathiane Paiva de Miranda. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, I. A referênciação textual como estratégia cognitivo-interacional. In: BARROS, K.S.M. *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: EDUFRN, 1999, p..69-80.
- . A referênciação como atividade cognitiva - discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Lingüísticos 41*. Campinas, SP, UNICAMP, jul-dez, 2001.
- & MARCUSCHI, L. A Processos de referênciação na produção discursiva. *DELTA* vol 14. Nº especial, 1998.
- LYONS, J. *Semantics v.1* London: Cambridge University Press, 1977.
- MARCUSCHI,L.A (1998) *Referênciação e Cognição: o caso da anáfora sem antecedente*. Encontro de Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, dez.1998. mimeo.
- . *Referênciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais*. XII Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), Fortaleza, set.1999 (mimeo)
- MÜLHAUS, C. *Por trás da entrevista*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

PAREDES SILVA, V.L. *Cartas cariocas. A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. UFRJ. 1988. 330p.

-----. Forma e função nos gêneros de discurso . *ALFA 41* _ UNESP, 1997

-----. *As múltiplas referências à terceira pessoa no texto jornalístico: continuidade e paralelismo* . Relatório parcial de pesquisa apresentado ao CNPq, 2005.

-----. *Sintagmas nominais definidos e demonstrativos em gêneros da fala e da escrita: um caso de variação?* Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq em julho de 2005. Rio de Janeiro, UFRJ.

TANNEN, D. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: OLSON,D.R., TORRANCE,N. & HILDYARD A .(eds.) *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

-----. *Talking voices. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ZAMPONI,G. O determinante demonstrativo em sintagmas nominais. *Cadernos de Estudos Lingüísticos 41*. 2001, p. 141-147

ⁱ A escolha desse jornal se deu por razões de ordem prática.

ⁱⁱ ZAMPONI 2001 chega a mencionar uma possível “variação livre”.

ⁱⁱⁱ Segundo Schiffrin 1988, a posição e a sustentação são os componentes básicos do texto argumentativo.

^{iv} A exclusão desses casos fez diminuir sensivelmente os empregos catafóricos, mas pareceu-nos a decisão mais apropriada para um tratamento variacionista.

^v É certo que todas as entrevistas são editadas, mas as de cantores, artistas, esportistas, pessoas mais ligadas à cultura e ao lazer apresentam um tom mais coloquial.

^{vi} Essa variável não foi selecionada pelo GOLDVARB, mas apresentamos seu peso extraído da primeira tabela do step-down, para fins de comparação.

^{vii} Esta categoria está exigindo uma análise mais fina

^{viii} Este grupo de fatores não foi selecionado pelo programa, mas julgamos interessante apresentar os resultados, com os pesos relativos da primeira tabela do Step-down, que caminham na direção esperada.

^{ix} Esse aspecto ainda está sendo objeto de investigação na pesquisa.